

# mudar a



# vida

publicação do graal



PORTE PAGO

JANEIRO/FEVEREIRO 1984  
MARÇO/ABRIL 1984

49

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*



## QUESTÕES PLANETÁRIAS (2)

### COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A unificação crescente do mundo, enquanto lugar de comunicação e de trocas entre os homens e as culturas é hoje um dado irrefutável.

Cada vez mais, os homens encontram, na sua vida quotidiana outras culturas, descobrem outros valores, observam atitudes que não lhes são familiares, aprendem a conhecer uma humanidade de rostos múltiplos. Em breve, com a generalização das emissões televisivas em directo, a partir de satélites, o mundo tornar-se-á um campo totalmente aberto à difusão dos conhecimentos e dos saberes.

As transformações em curso e as perspectivas de inovações futuras no domínio da comunicação e da informação estão associadas não só ao desenvolvimento de certas tecnologias mas, igualmente, às possibilidades que decorrem da sua conjugação, quando devidamente articuladas umas com as outras. Com efeito, assistimos hoje a um movimento de convergência entre as tecnologias informáticas e as tecnologias de comunicação, dando lugar à criação e interconexão de redes complexas, capazes de tratar e transmitir a informação instantaneamente, em tempo real.

Estas tecnologias contribuem para transformar as sociedades e orientar a sua evolução no sentido duma complexidade cada vez maior. A comunicação e a informação podem, com efeito, ser consideradas como o sistema nervoso das sociedades contemporâneas: elas são indispensáveis às actividades económicas, desempenham um papel essencial nas transacções financeiras, nas trocas comerciais, nos transportes, nos sistemas de saúde ou de administração pública e, obviamente, nos sistemas militares. Qualquer poder político se situa, necessariamente, no centro dum sistema complexo de comunicação: as decisões exigem

que sejam tomadas em consideração informações cada vez mais numerosas e actualizadas; as políticas adoptadas têm, por seu lado, que ser explicadas e comentadas para poderem recolher a adesão dos cidadãos.

Em si mesmas, a comunicação e a informação, entendidas como conjuntos de operações de manipulação de sinais e de símbolos, são o sector de actividades mais amplo de certas sociedades. As indústrias de comunicação e de informação adquirem em certos países um peso económico tal que tendem a dominar e a suplantar as indústrias pesadas e de manufacturação na formação do produto nacional. Alguns consideram, assim, que a economia de amanhã será uma economia fundada sobretudo na informação e que a informação está em vias de se tornar o recurso chave das sociedades, mais decisivo ainda que as matérias-primas e a energia.

De facto, o universo da comunicação e da informação tende a tornar-se omnipresente, em todos os sectores da vida social. Os países menos desenvolvidos são precisamente os que se encontram privados deste meio fundamental para controlar os diferentes aspectos do subdesenvolvimento. Dotados de uma maior capacidade de comunicar, informar e ser informados, os países em desenvolvimento não só dispõem de mais meios para fazer ouvir a sua voz no concerto das nações como poderiam fazer grandes progressos em matéria de educação, saúde, desenvolvimento rural, etc.

Duas problemáticas específicas se desenham neste universo complexo e polivalente: a problemática dos órgãos de informação, os mass-media, baseada na colheita, circulação e difusão de notícias junto do grande público; e a problemática da informação especializada, sobretudo científica e técnica, centrada so-

bre a colheita, circulação e difusão de dados factuais, numéricos ou bibliográficos. Num caso, a mensagem, embora mediatizada, prolonga a comunicação interpessoal, na sua contemporaneidade com o acontecimento; no outro caso, pretende-se acumular e organizar a informação, de modo a torná-la acessível no momento em que vier a ser necessária ao utilizador futuro.

Os media implicam necessariamente uma relação orientada, por vezes chamada «vertical», entre o emissor e o receptor. Exercem, assim, uma influência indiscutível sobre o público a quem se dirigem. Qual a extensão e a profundidade dessa influência? São os media responsáveis pelo nivelamento das opiniões pela imposição dos gostos dominantes, pelo alimento do imaginário colectivo? As opiniões variam, mas o debate está aberto em todas as sociedades: a própria possibilidade de independência de espírito e de autonomia de juízo é posta em questão.

No que se refere à informação científica e técnica, a relação entre o emissor e o receptor é circular: o emissor trata, sem a modificar, a informação a partir da investigação disponível, e o utilizador exerce sobre ela, livremente, a sua escolha, tornando-se apto a progredir na sua própria investigação. A informação científica e técnica desempenha, assim, um papel de motor na elaboração dos conhecimentos e é um instrumento essencial para o desenvolvimento das sociedades.

## IDENTIDADE CULTURAL

A necessidade de repensar e de inventar novas estratégias de desenvolvimento, susceptíveis de tomar em consideração a especificidade social e cultural das nações e de mobilizar as capacidades de iniciativa dos indivíduos e dos grupos que as compõem, é tanto mais urgente quanto se assiste hoje a um movimento de **homogeneidade** que atinge os modos de vida e de pensamento, as formas de organização social, individual e familiar. Tal homogeneidade resulta não da convergência dos valores das diferentes civilizações, mas do predomínio de certos pólos de difusão dos saberes, das técnicas e dos modelos de vida das sociedades mais abastadas.

Em todos os domínios, da alimentação ao vestuário, dos transportes aos tempos livres, os modelos

de consumo ganham cada vez mais terreno. Com o auxílio dos meios de comunicação social e das indústrias culturais, eles invadem o domínio das culturas, de percepção e de representação do mundo.

Esta lógica da uniformização é profundamente lesiva dos interesses dos povos, na medida em que privilegia certos aspectos do saber em detrimento de outros; faz prevalecer certos valores, de ordem estética ou ética, e menospreza outros; suscita o desenvolvimento de certos ramos de actividade e ignora outros.

Reservas inteiras de criatividade são assim recalçadas e as sociedades mutiladas na sua personalidade específica e na sua configuração particular. Levada ao extremo, esta lógica poderia conduzir a uma humanidade paralizada, de tal maneira a diversidade é, para cada sociedade e para o conjunto do mundo, faceta essencial e fecunda de vitalidade.

A homogeneidade crescente à escala planetária corre o risco de conduzir a uma uniformidade artificial, na base de um modelo único, deixando a espécie humana desprovida face a perigos desconhecidos — tal como certas espécies vegetais ou animais artificialmente seleccionadas em função de uma maior rentabilidade, surgem inesperadamente desarmadas e perdem a sua capacidade de sobrevivência.

Quem poderá prever se uma dada cultura ou uma dada espécie genética desaparecidas não faziam parte integrante de um património indispensável ao prosseguimento da marcha da espécie humana? Nada nos impede de pensar que um dia a sociedade técnica mundial possa vir a perecer de entropia face à ausência de fecundação mútua entre culturas diversas.

Tal é, pelo menos na aparência, o sentido histórico dos movimentos que por toda a parte se opõem às pressões uniformizantes que se exercem sobre as mentalidades individuais e colectivas. O despertar das especificidades, o afirmar da identidade própria de cada povo, são hoje exigências prioritárias nas mais diversas situações e contextos.

É significativo que a reivindicação da identidade cultural tenha deixado de se fazer sentir apenas nas jovens nações ex-colonizadas, para passar a ser uma exigência das próprias sociedades industrializadas, onde numerosos grupos pretendem preservar ou reactivar as identidades regionais ou étnicas.

## ADAPTAÇÃO CRIATIVA

*Longe de se identificar com um adquirido imutável e fechado sobre si-mesmo, a identidade cultural é um factor de síntese viva e original, perpetuamente recomeçada.*

*A sua procura é a condição fundamental em que assenta o progresso dos indivíduos, dos grupos e das nações.*

*É ela que anima e fundamenta o querer colectivo.*

*É ela que mobiliza os recursos interiores para a acção.*

*É ela que converte a mudança necessária em adaptação criativa.*

Por toda a parte, a noção de identidade cultural surge como um dos princípios motores da história. Não se trata nem de uma herança, nem de um repertório de tradições: trata-se de uma dinâmica interna, de um processo de criação contínua das sociedades por elas mesmas — processo que se alimenta de diversidades internas, consciente e voluntariamente assumidas, e que, simultaneamente acolhe as contribuições do exterior, assimilando-as e, quando necessário, metamorfoseando-as.

Assistimos assim à emergência de colectividades — linguísticas, confessionais, culturais, ou profissionais — dispostas a afirmar a sua originalidade e a reforçar

a sua solidariedade interna. A defesa das suas especificidades surge como o primeiro passo para a reapropriação das suas faculdades criadoras, das suas capacidades de invenção, face a um mundo onde elas têm cada vez menos lugar.

Há quem julgue que a noção de identidade cultural deve apenas ser interpretada como uma re-activação de valores antigos. Enganam-se os que assim pensam. A identidade cultural exprime-se, sobretudo, na procura de projectos culturais novos, aptos a prolongar a reabilitação do passado pela consciência de uma responsabilidade acrescida em relação ao futuro.

## ONDA DE CRIAÇÃO

*Alastra hoje no mundo uma grande onda de reflexão e de criação.*

*Dá novos conteúdos às políticas sectoriais e estabelece as condições para a sua articulação num sistema coeso e rentável.*

*Privilegia a cultura como raiz, eixo e fruto de toda a movimentação da sociedade no processo da sua própria gestação.*

*Estabelece sem vãos idealismos mas à base de novos adquiridos do direito internacional as condições necessárias para que os recursos naturais venham a servir para todos.*

*Procura novas vias experimentais que permitam encontrar a ciência económica para os processos acelerados da história do nosso tempo e conduz assim a propostas de solução que submetem a inexorável lei da economia já ultrapassada às*

*necessidades dos indivíduos e à plena soberania dos povos.*

*Situa a técnica numa relação realista com a sociedade e com os homens, sabendo-a determinante de modos de viver e de agir e, por isso mesmo, procurando nas suas últimas conquistas, os instrumentos que podem de facto, servir o homem e a sociedade.*

*Experimenta novas formas de relacionamento entre os povos, de modo a que seja possível ultrapassar a lógica suicida da relação de forças para criar, em vez dela, o caminho das solidariedades ao nível do planeta.*

Maria de Lourdes Pintasilgo  
in «Projectar Abril»,  
MAD, Janeiro 1984



## RENOVAÇÃO DE VALORES

Assistimos, de há alguns anos para cá, a um esforço de reconstrução da sociedade, na base de uma reactivação dos seus valores culturais mais profundos.

Esta aspiração, que dá um novo élan às correntes espirituais, religiosas e místicas, está intimamente ligada à procura crescente de uma maior solidariedade e entrecajuda entre pessoas e grupos. É ela que suscita a vontade que alguns povos manifestam de construir uma modernidade que seja sua, reinterpretando a tradição para dela extrair as suas dimensões criadoras. Como consequência, verifica-se um esforço de renovação das normas e práticas sociais, pela mobilização das tradições culturais, dos valores estéticos ou morais e das forças produtivas que poderão permitir à sociedade acolher o progresso sem o trair.

Nas sociedades do Terceiro Mundo, este movimento toma a forma de uma certa fragmentação psicológica e cultural, reflexo da vontade de resistir a um sistema de referências imposto do exterior e, simultaneamente, da emergência de novas forças e novos valores, alguns ainda em gestação, mas contendo em si os germens de um futuro diferente.

Nas sociedades industrializadas, numerosos grupos, sobretudo de jovens, inauguram novas atitudes em relação aos bens materiais, ao sucesso social, ao trabalho, aos tempos livres, ao estilo de vida e ao ambiente. Novas aspirações se fazem sentir, através da exigência de uma maior descentralização e participação, através de novas formas de enraizamento no seio de pequenas comunidades — geográficas, profissionais, religiosas ou linguísticas —, através de uma menor valorização da ordem e da segurança económica, através da contestação frontal dos poderes que se apresentam como centralizadores.

A hesitação dos adultos em afirmar quaisquer certezas, a insegurança generalizada, a influência, ainda mal conhecida, dos meios de comunicação social, estimulam nos jovens a emergência de novas motivações e atitudes, cujas consequências se não podem ainda avaliar. Com efeito, os jovens constituem um dos grupos sociais mais sensíveis às mudanças radicais que caracterizam as sociedades de hoje. Para além do problema do desemprego — sem dúvida o problema número um da juventude na presente década —, convém não esquecer as condições precárias de muitos jovens sobretudo nas grandes aglomerações urba-

nas em rápido crescimento. Nos países industrializados, pesa sobre as jovens gerações o espectro do envelhecimento progressivo da população. Não podemos deixar de nos interrogarmos sobre a natureza das relações que se estabelecerão entre sociedades onde a importância relativa dos grupos etários será totalmente diferente. Sabemos apenas que, quaisquer que sejam as situações, a percepção que os jovens de hoje têm de si mesmos e do seu futuro poderá ter incidências sérias sobre o futuro de todas as comunidades humanas.

Uma outra mudança de grande alcance é a que se refere à concepção tradicional dos papéis femininos e masculinos, com as normas e os valores que lhes estão associados. A evolução sofrida pela condição da mulher e as transformações que afectam, em numerosas sociedades, as estruturas familiares, conduzem, inevitavelmente, a uma redistribuição das funções económicas e sociais entre os dois sexos. Curioso é verificar que uma segunda geração de militantismo feminino já não se preocupa apenas em inscrever a igualdade de facto entre homens e mulheres nos factos e nas mentalidades. Interessa-lhe, sobretudo, tomar em consideração as necessidades e as aspirações das mulheres, tais como elas mesmas se exprimem, e procurar delinear com elas uma visão do mundo que seja especificamente feminina.

Uma outra gama de reflexões tem a ver com as inúmeras situações em que os cidadãos se sentem desprovidos face a um poder complexo, anónimo e

longínquo. Enquanto uns põem em causa a invasão pelo Estado de sectores cada vez mais amplos da vida económica e social, outros concentram-se na complexidade crescente dos mecanismos modernos de organização e de administração, desejando ver realizada uma redistribuição dos poderes em benefício da colectividade, na base dos seus recursos e capacidades de iniciativa.

Subjacente a estas reacções, está, pelo menos em parte, uma reacção de defesa e de preservação da identidade pessoal e social face a aparelhos que alargaram desmedidamente o seu poder de intervenção e de controle sobre as condutas individuais, penetrando no mais íntimo da vida de cada um — organização do tempo e do espaço, relações afectivas e interpessoais, etc.

Em alguns países, movimentos sociais de um tipo novo fazem entrar na cena política e na acção colectiva temas até agora considerados do foro privado: nascimento, velhice, habitat, consumo, tempos livres, comunicação. Essas questões trazem à sociedade novas representações e contribuem para que a produção cultural e social reencontre o seu fundo original.

O conjunto destas tentativas ilustra uma profunda renovação da criatividade social. O que está em jogo é a procura de novos sistemas de referência, sinal da profunda vitalidade das culturas contemporâneas.

Amadou-Mahtar M'Bow

UNESCO — Plano a médio prazo  
(1984-1989)

## Fundação CRIATIVA REVITALIZAÇÃO MORAL DO FUTURO

*A centralidade do desafio ético com que actualmente se confronta a humanidade está a tornar-se cada vez mais manifesta.*

*A complexidade dos problemas contemporâneos empurrou-nos para ideologias simplistas e para uma fragmentação crescente das soluções políticas.*

*Conduziu-nos também a uma suspensão — para não dizer uma paralisia — do nosso juízo moral.*

*A emergência do relativismo moral e da moral de situação tornaram-se incapazes de fazer face aos grandes dilemas civilizacionais que caracterizam o mundo de hoje.*

*Os problemas com que nos debatemos não podem ser apreendidos apenas ao nível cognitivo. Requerem um forte sentido das dimensões morais da existência humana e do seu significado transcendental.*

*A procura que se impõe requer interacções múltiplas entre as diferentes culturas e religiões. Terá implicações litúrgicas e doutrinárias e afectará as representações simbólicas que constituem o próprio fundamento das nossas culturas.*

*Só em conjunto, filósofos e místicos poderão reforçar os aspectos afirmativos da vida que brotam da experiência religiosa.*

*O nível materialista a que se situam os actuais dirigentes políticos e os porta-vozes das diferentes ideologias é um beco-sem-saída.*

*O que se impõe é a revitalização da consciência das dimensões morais dos nossos problemas e das suas soluções.*

Soedjatmoko

in «Ethnic of human survival»,  
Universidade das Nações Unidas,  
Fevereiro 1984



Publicação bimestral. Assinatura anual: 150\$00; número avulso: 25\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.